



B3-327 Desafios da produção de lácteos agroecológicos em uma mini agroindústria no assentamento 8 de junho no PR.

Brandão, Sheila¹; Palza, Sheila²

1 Fundação de Amparo À Pesquisa e Extensão Universitária /FAPEU, she.parana@gmail.com; 2 Universidade Federal do Acre/UFAC, sheilapalza@uol.com.br

Resumen

O presente trabalho discute a experiência da produção de lácteos agroecológicos do Projeto de Assentamento 8 de junho, localizado no município de Laranjeiras do Sul, região da Cantuquiriguaçu no Estado do Paraná. Trata-se de uma proposta diretamente ligada a estratégia do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra da referida região, onde o leite é processado e comercializados na forma de queijo tipo colonial, queijo com orégano, doce de leite, iogurtes e requeijão. A partir da análise dessa prática, o estudo visa evidenciar a dinâmica e a importância desse processo de industrialização, seus principais limites, potencialidades e desafios para os produtores da região.

Palabras-clave: Produção Agroecológica, Derivados Lácteos e Mini Agroindústria.

Análise da experiência

Analisa-se a experiência da mini agroindústria de lácteos agroecológicos dos produtores do Assentamento 8 de junho, localizado no município de Laranjeiras do Sul, região da Cantuquiriguaçu, parte central do estado do Paraná.

Trata-se de parte da estratégia regional do MST voltada à consolidação da cadeia do leite agroecológico na região, cuja experiência começou há um ano, tendo como objetivo iniciar a agroindustrialização do leite agroecológico com vistas superar os desafios da aprendizagem na elaboração dos derivados lácteos e na negociação com os mercados locais e principalmente na relação com os consumidores.

Um elemento de entrave ao desenvolvimento dessa prática agroecológica é o fato da população daquele município deter pouco conhecimento e informação sobre agroecologia bem como sobre as propriedades nutricionais dos produtos oriundos da atividade agroecológica.

A relevância do presente estudo se justifica em virtude de sua importância da atividade agroecológica para os moradores do assentamento e por ser parte de uma inovação na região na medida em que possibilitou o acesso da população a alimentos saudáveis. Na verdade, não tinham a opção do agricultor produzir e vender um produto diferenciado e com baixo custo de produção, passando assim a dar legalidade a venda de produtos de origem animal.

Desta feita, este estudo tem o propósito de difundir a agroecologia, especialmente através da discussão sobre a produção de leite agroecológico em área de assentamento. A população estudada constitui-se de 120 famílias em processo de transição agroecológica, sendo que um total de 6 famílias já foram certificadas através da Rede Ecológica de Agroecologia com expectativas de envolver até o final do ano aproximadamente 400 famílias camponesas nessa atividade agroecológica.



Metodologia

A mini agroindústria de processamento do leite agroecológico, se localiza no município de Laranjeiras do Sul, no Território Cantuquiriguaçu, na porção centro-oeste do estado do Paraná. Esse Território é constituído por 20 municípios que juntos totalizam uma extensão de 14 mil/m² cuja população beira a 230 mil habitantes, os quais vivem em situação de elevada pobreza (conforme Atlas do Desenvolvimento Humano de 2013). Laranjeiras do Sul vem a ser um dos maiores municípios da região, é formado por vários assentamentos de reforma agrária ligados ao MST onde vivem em torno de 5mil famílias.

Metodologicamente, as informações e dados apresentados são frutos de uma pesquisa junto às famílias assentadas um total de 15 entrevistas, onde foi realizado o acompanhamento técnico da mini agroindústria ao longo de um ano de funcionamento.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, trata-se de uma pesquisa qualitativa na medida em que considera que “há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Também, pelo fato de não requerer o uso de métodos e técnicas estatísticas. (SILVA; MENEZES, (2005), p.20).

Resultados y Analises

Entre outros conceitos que existem a agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo, tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar e holística. (CAPORAL & PAULUS, 2009). GUZMÁN e OTTMANN, (2004), salientam que os elementos centrais da Agroecologia podem ser agrupados em três dimensões: a) ecológica e técnico-agronômica; b) socioeconômica e cultural; e c) sócio-política. E que estas dimensões não são isoladas. Na realidade concreta elas se entrecruzam, influenciam uma à outra, de modo que estudá-las, entendê-las e propor alternativas supõe, necessariamente, uma abordagem inter, multi e transdisciplinar, razão pela qual os agroecólogos e seus pares lançam mão de ensinamentos da Física, da Economia Ecológica e Ecologia Política, da Agronomia, da Ecologia, da Educação, da Comunicação, da História, da Antropologia e da Sociologia, para ficarmos em alguns dos aportes dos diferentes campos de conhecimento.

Sendo assim, a Agroecologia, como matriz disciplinar, se encontra no campo do que MORIN (1999) identifica como do “pensar complexo”, em que “complexus significa o que é tecido junto”. O pensamento complexo é o pensamento que se esforça para unir, não na confusão, mas operando diferenciações.” Então, a Agroecologia não se situa no paradigma convencional, cartesiano e reducionista, no paradigma da simplificação (disjunção ou redução), pois, como ensina MORIN, este não consegue reconhecer a existência do problema da complexidade.

E é disto que se trata, reconhecer que nas relações do ser humano com outros seres humanos e destes com o meio ambiente, estamos tratando de algo que requer um novo enfoque paradigmático, capaz de unir os conhecimentos de diferentes disciplinas científicas com os saberes tradicionais. CAPORAL. F. R. (2008).

A experiência da mini agroindústria se deu como uma alternativa encontrada pelos produtores locais para iniciar a atividade de processamento do leite agroecológico até que a indústria maior ficasse pronta e liberada. Em vista disso e diante da cobrança por parte dos



agricultores assentados que produzem leite orgânico é que se decidiu iniciar o processo de industrialização do leite.

A Coperjunho – Cooperativa Agroindustrial 8 de junho em conjunto com o MST e outras entidades envolvidas na região, há um ano resolveram iniciar o processo de industrialização do leite. Para isso se teve o apoio do MST da região e da UFFS, além de outras entidades sociais ligadas a agroecologia. Para iniciar a mini agroindústria foi feita a adaptação de uma sala e o remanejamento de alguns equipamentos tais como, geladeira, tacho de fazer doce, câmara fria. E foram adquiridos alguns itens necessários como: seladora, formas e prensas para o queijo. O trabalho teve início com o queijo colonial orgânico, onde foram feitos vários testes e análise sensorial para ser vendido na feira agroecológica semanal que acontece na cidade de Laranjeiras e a venda na própria Coperjunho. Essa produção tem a inspeção da vigilância sanitária do município e também possui a certificação de Orgânica através da Rede Ecovida de Agroecologia.

Nesse início surgiram alguns problemas para acertar o ponto do queijo, mas que com o tempo foi se ajustando uma vez que a Coperjunho não possui *experts* para a produção de lácteos. Também, passou-se a efetuar o processamento do requeijão orgânico e em seguida a busca para acessar os mercados locais. Primeiramente, buscou-se atender a demanda de quatro mercados, o que representou um desafio visto que os mercados já possuem toda uma logística organizada e cada um possui sua condição diferenciada (desde pagamentos, processo de entregas, área de exposição no mercado).

Para a cooperativa, foi uma novidade trabalhar com esse público e mesmo atender essa demanda, uma vez que, diferentemente dos consumidores da feira, possuem exigências maiores e caso não sejam atendidos o mercado substitui o fornecedor, ou seja não valorizam o produto local, nem por ser orgânico e muito menos por vir de um assentamento da reforma agrária de agricultores familiares.

Outra dificuldade enfrentada e que ainda persiste é esclarecer a população sobre o que é um produto orgânico e como é produzido, bem como a diferença entre orgânico e convencional. Enfim, são vários pontos que ainda ao consumidor é obscuro. Além disso para os consumidores locais, tudo que é colonial é orgânico, ou seja, partem da ideia de que tudo que é feito e vendido direto pelos agricultores é orgânico. Esse foi um dos grandes paradigmas que foi preciso vencer na região, não só em relação aos produtos lácteos, como também em relação às verduras, frutas, hortaliças e grãos orgânicos. Assim, para divulgar os produtos orgânicos na região foram elaborados folders, outdoors, cartazes, publicação de matérias em jornal local, anúncios informativos nas rádios divulgando e explicando a diferença do produto orgânico, bem como a sua importância para a saúde e ao meio ambiente. Para essas atividades de divulgação e esclarecimentos a Coperjunho, contou com a parceria da UFFS, Ceagro e o Núcleo Regional de Agroecologia Luta Camponesa. Outra atividade que deu uma boa repercussão foi participar da feira agroecológica semanal (o que ficou conhecida como feira especial), essa atividade foi realizada pela própria Coperjunho, onde se tem música, apresentação de dança, venda de comidas típicas, além da degustação dos queijos. Constatou-se que essa feira gerou impacto positivo no tocante à venda do queijo, a qual teve um aumento significativo. Por exemplo, a atividade foi realizada na primeira feira de março onde foram vendidos 10.200kg de queijos enquanto que nas anteriores a média era de apenas 5 kg, repercutindo até 2 feiras após a atividade. Esse resultado reflete todo esforço de divulgação e de criação de espaços de informação para os consumidores. Iniciativas realizadas com um custo muito baixo, porém com um alto retorno.



FIGURA 1 – Venda de queijos em kg nas feiras semanais início de 2015.

Fonte: Elaboração dos autores, 2015.

Na sequência dessas ações, partiu-se para o processamento de iogurtes, (com diversos sabores de frutas orgânicas, além do doce de leite e do queijo com orégano. Em relação específica ao iogurte, a dificuldade enfrentada foi com relação ao tempo de validade dos mesmos (apenas de 5 dias), problema esse que ainda está sendo estudado. Busca-se verificar se tem a ver com o leite utilizado não estar homogeneizado ou se tem a ver com as polpas de frutas, que são transformadas em geleias e com isso a quantidade de açúcar é bastante alta, e o açúcar em excesso é um contaminante. Atualmente existe uma parceria firmada com a UFFS/Universidade Federal da Fronteira Sul e com a UTFPR/Universidade Tecnológica Federal do Paraná para melhorar esse produto e assim aumentar o tempo de validade sem a adição de produtos químicos, tendo em vista o firme propósito de se oferecer um produto orgânico, assim como os outros do mix.

Essa experiência tem sido muito válida em termos de aprendizagem para os produtores pois os testes nos produtos, a relação com os mercados, com os agricultores na compra do leite e com os consumidores estão sendo uma espécie de “escolinha” para fases subsequentes quando se estiver atuando diretamente como o grande laticínio. A relevância também está em se passar a conhecer a dinâmica e organização dessa atividade, bem como o comportamento do mercado de leite e de seus derivados.

E como desafio registra-se o próprio processamento do leite em seus derivados, pois com a produção orgânica o processo é outro e isso implica maior conhecimento, busca de parcerias, de alternativas e de informações.

Conclusiones

Essa experiência foi importante para conhecermos a dinâmica e organização de uma mini agroindústria, bem como o comportamento do mercado de leite agroecológico e de seus derivados. Essa experiência é muito importante para quando começamos a trabalhar com o laticínio maior. Pois assim já estamos conhecendo alguns dos principais entraves que iremos enfrentar e já podemos ir pensando e resolvendo o que é possível. Outro ponto positivo é que mesmo sem o laticínio maior, já estamos



comprando o leite de pelo menos dois agricultores, o que anima os demais agricultores a continuarem e avançarem na produção agroecológica.

E como desafio também o próprio processamento do leite agroecológico em seus derivados, pois com a produção orgânica o processo é diferente do convencional, e isso implica ir atrás de novos conhecimentos, em buscar parcerias, alternativas e informações. Principalmente no que compete ao processamento e industrialização do leite agroecológico, pois como esse processo não aceita o uso de conservantes, estabilizantes, e outros aditivos químicos.

Referencias bibliográficas

- MORIN E. (1999). Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEJA, A.; NASCIMENTO, E. P. (Org.). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- GUZMÁN. S., OTTMANN E.G. (2004). Las dimensiones de la Agroecología. In: INSTITUTO DE SOCIOLOGÍA Y ESTUDIOS CAMPESINOS. Manual de olivicultura ecológica. Córdoba: Universidad de Córdoba. p. 11-26. (Proyecto Equal-Adaptagro).
- CAPORAL. F. R. (2008). Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações/– Brasília: 35
- SILVA, E. I; MENEZES, E. M. (2005). Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. 4. ed. rev. atual. – Florianópolis: UFSC
- SANTOS, L. C. (2007). *Percepção Transdisciplinar na estratégia do desenvolvimento econômico de Hirschmann*. Porto Alegre. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/face/article/viewFile/359/262er> acesso em 20.06.2009